

CARTAS A JOHN HOWARD

LETTERS TO JOHN HOWARD

Fergus McNeill

Professor Titular de Criminologia e Serviço Social da Universidade de Glasgow. Diretor da Howard League for Penal Reform.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3547-6482>

Fergus.McNeill@glasgow.ac.uk

Resumo: As cartas foram escritas em razão do Projeto 50 Monumentos em 50 Vozes da Universidade de York. Trata-se de um projeto que apresenta respostas individuais instigantes a 50 monumentos únicos na Catedral de St. Paul, em Londres, de artistas, escritores, músicos, teólogos e acadêmicos.

Palavras-chave: Projeto 50 Monumentos em 50 Vozes; Criminologia; Prisões.

Abstract: The letters were written for the University of York's 50 Monuments in 50 Voices Project. It is a project that features thought-provoking individual responses to 50 unique monuments in St. Paul's Cathedral, London, from artists, writers, musicians, theologians, and academics.

Keywords: 50 Monuments in 50 Voices Project; Criminology; Prisons.

Querido John,*¹

Isso é um pouco embaraçoso.

Nós nunca nos conhecemos — como poderíamos? Você se foi há muito, muito tempo. 232 anos para ser preciso. Ainda assim, coube a mim te contar o quanto você é lembrado e reverenciado.

Você teve apenas um filho, e eu entendo que esse relacionamento foi... Como dizer? Bem... um pouco complicado. Suponho que não haja nada de incomum nisso — afinal, você passava muito tempo fora, e ele foi criado sob cuidados de outros, não sob cuidados do Estado, é claro, já que você era um homem muito rico.

De qualquer forma, você se surpreenderia ao saber que existem milhares de nós, na verdade, dezenas de milhares que, apesar de não sermos da sua linhagem sanguínea, ainda carregamos seu nome em todo o mundo, nos lugares mais distantes do que aqueles para os quais você viajou.

John, acho que estas podem, de agora em diante, até ser uma espécie de cartas de amor, de nós para você. Mas não vamos nos emocionar demais com isso agora; tudo o que temos para admirar são seus fac-símiles; a versão de você deixada em seus escritos; as versões que os historiadores criaram sobre você; e também esta estranha e fascinante estátua. John Howard em mármore. John Howard na Catedral de St. Paul, nada menos! Eu me pergunto o que você pensaria disso.

Estou olhando diretamente para você agora e — confesso — estou segurando uma risadinha. Não acredito que vestiram você com roupão e sandálias. Você não era Aristóteles, nem Sócrates, nem filósofo, nem cientista. Acima de tudo, eu acho, você era um viajante curioso — curioso em ambos os sentidos da palavra. Você precisaria de roupas mais quentes e sapatos mais fortes para viajar para os lugares sombrios que visitou. É por isso que percebo uma certa relutância em sua pose no pedestal; você parece, estranhamente, um pouco na defensiva.

Ao mesmo tempo, há algo mais em seu rosto — nos olhos em particular. Há curiosidade, com certeza, mas também há gentileza. Talvez haja até esperança em seus olhos, mais do que poderá ser visto depois.

Até lá, por favor, aceite esta garantia de minha sincera admiração e respeito.

PS: Eu mesmo sou metade Howard, pelo lado da minha mãe. Ela também já se foi, mas segue sendo amada.

II

Querido John,

Lembra do que eu disse sobre não ficar muito emocionado? Bem, não é que eu tenha mentido em minha última carta; é só que deixei algumas coisas de fora.

Minha impressão é que você não era fã de meias-verdades e omissões. Você foi aos lugares sombrios para ver com seus próprios olhos o que encontraria — para trazê-los para a luz. Você não se contentou em deixar prisões e presos invisíveis e sem consideração. Sua curiosidade catalogou as privações, as indignidades, a doença e o sofrimento que você encontrou, em detalhes meticulosos, embora idiossincráticos. A porção de pão. O espaço. A luz. A qualidade do ar. Você se preocupou o suficiente para notar, contar e registrar tudo. O pergaminho em sua mão esquerda me lembra disso.

Então, deixe-me limpar o ar entre nós, por assim dizer. É verdade, como eu disse em minha última carta, que você tem dezenas de milhares de seguidores em todo o mundo, todos eles lutando para acabar com esses lugares sombrios, ou pelo menos para clareá-los. Mas — e agora estou realmente envergonhado — tenho que confessar: não fomos totalmente bem-sucedidos.

Isso vai ser um choque desagradável, tenho certeza, mas não há como dourar a pílula. Ao que parece, há nas prisões, só no nosso Reino Unido, quase 100.000 pessoas com raiva, medo e nojo. Em toda a Europa, mais de um em cada mil cidadãos está na prisão agora; isso é mais de um milhão e meio de pessoas. 2 milhões nos Estados Unidos da América, agora independentes. Há tantas prisões, John; nem mesmo alguém com sua energia e seu comprometimento poderia visitar todas. Só nestas ilhas existem 141 prisões e há planos para construir mais.

Você provavelmente esperaria que pelo menos tivéssemos tornado esses lugares mais humanos, mais higiênicos e mais produtivos nos últimos 232 anos. Bem, sim e não. Os inspetores prisionais, visitantes e pesquisadores que seguem seus passos podem concordar que as condições físicas melhoraram um pouco, mas nossas prisões estão superlotadas, com falta de pessoal, são caras e ineficazes. Com muita frequência, elas debilitam e incapacitam as pessoas dentro delas — tanto presos quanto funcionários.

Talvez você esteja pensando que a gente enfrenta enormes problemas de criminalidade que exigem essa repressão. Não, não é por isso que as prisões persistem e crescem. As taxas de criminalidade estão praticamente estáveis ou caindo há décadas.

Você provavelmente se perguntará como é possível não termos conseguido encontrar maneiras melhores de responder ao crime em quase um quarto de milênio desde sua morte. A verdade é que continuamos inventando as chamadas alternativas inteligentes. Infelizmente, quando investimos nessas ideias e as vemos crescer, elas se tornam uma punição complementar e não uma substituta. É por isso que, além dos 100.000 presos, temos agora bem mais de um quarto de milhão de pessoas sob supervisão penal em comunidade no Reino Unido.

Existem outras razões, razões complexas, para a confusão em que estamos, mas para lhe dar uma analogia simples com a qual acho que você se identificaria, dados seus problemas de saúde: cultivamos o mais insalubre dos apetites; banqueteamo-nos com o sofrimento dos outros porque fomos ensinados a ter medo deles e porque nos venderam a mentira de que eles não são nós e nós não somos eles.

Não consigo imaginar como isso deve ser decepcionante para você ouvir. Sinto muito, John. Voltarei a escrever em breve, talvez com notícias melhores.

Até lá, continuo sendo seu afetuoso admirador.

PS: Falando em dietas saudáveis e não saudáveis, pode ser divertido para você saber que muitas pessoas hoje em dia, como você, renunciaram a comer carne e algumas também evitam laticínios. Nós os chamamos de veganos. Acho que esse desenvolvimento, pelo menos, você aprovaria.

III

Querido John,

É o dia de St. Andrew na Escócia. Eu disse que estava escrevendo de Glasgow? Talvez o sotaque tenha me traído.

Prometi notícias melhores, mas no meu rádio esta manhã — oh, espere um minuto, devo explicar — o rádio é um dispositivo que permite que você ouça vozes em sua casa, que são transmitidas, às vezes ao vivo e às vezes gravadas, de pessoas que estão a alguma distância. Você pode até mesmo transmitir sinais de rádio através dos oceanos e continentes — em todo o mundo. É realmente incrível como a tecnologia mudou nossas vidas; e quanto elas permaneceram as mesmas.

De qualquer forma, no meu rádio esta manhã, eles estavam falando sobre as notícias na Escócia, de que o número de pessoas morrendo nas prisões escocesas aumentou nos últimos três anos. Alguns morrem por suicídio ou pelo uso indevido de substâncias ilegais que usam para aliviar as dores de seu confinamento. Alguns morrem devido a dificuldades de acesso a cuidados de saúde adequados. Os últimos anos foram especialmente sombrios — uma pandemia global levou as pessoas nas prisões a serem trancadas em suas celas com pouco para fazer, muitas vezes durante 23 horas por dia. Estamos apenas começando a calcular os custos desse sofrimento adicional. Ninguém parece ter notado a injustiça de tornar a punição deles tão mais severa.

Falando em punição severa, trarei notícias melhores. Podemos ainda estar encurtando e prejudicando vidas com a prisão, mas pelo

menos abolimos a pena de morte. Isso aconteceu em 1965, 99 anos depois de formada a Associação de Reforma Penal que ainda leva seu nome. Espero que aprove.

Outra coisa no noticiário me lembrou você. Você se lembrará da cidade de Kherson — claro que sim. Você sabia que St. Andrew também visitou essa cidade? Não foi sua última parada, como foi para você. Kherson foi onde a mera visita às prisões finalmente provou ser fatal no seu caso. Foi tifo que você contraiu, segundo me disseram. Sinto muito por isso também.

Infelizmente, Kherson está de volta ao noticiário porque homens violentos estão bombardeando a cidade. Dizem que a violência é legítima; eles estão mirando nos recursos que dão poder e socorro a seus inimigos. Mas a maioria de nós não acredita que eles estejam sob qualquer ameaça. O que nós acreditamos é que eles não se importam que as bombas e os apagões ponham em risco pessoas que não portam armas e não fizeram nada de errado. "Danos colaterais": é o nome dado.

Suponho que você mesmo foi esse tipo de vítima não intencional; sua morte foi uma consequência colateral da prisão de outros. A violência do castigo ainda produz muitas dessas vítimas, John; os filhos privados dos pais, os pais privados dos filhos, os amantes privados um do outro, as comunidades privadas da energia e do potencial de seu próprio povo. Mesmo os presos libertados privados de um futuro pela mancha que o castigo deixa.

Na versão de mármore de você em St. Paul, você está segurando uma chave na mão direita e as correntes estão descartadas a seus pés. Em minha primeira carta, eu brinquei sobre a túnica grega com a qual eles te vestiram e disse que você não era um filósofo nem um cientista. Bem, agora eu me pergunto se a piada é sobre mim. A questão é que eles me vestem com túnicas de vez em quando na universidade aqui, e eles me deram uma cadeira especial e me disseram que eu posso professor. Você vê que eu sou um filósofo e um tipo de cientista — um "criminólogo" é como eles me chamam.

Mas olho para a sua chave, olho para as correntes descartadas e — por tudo que aprendi sobre punição — hesito e paio entre o desespero e a esperança de escaparmos de nossas correntes. Também me pergunto como, mesmo com esses olhos gentis, você me julgaria; como você nos julgaria. Talvez você sentisse a mesma repulsa que sentiu quando pisou pela primeira vez na prisão de Bedford. Como podemos permitir que tanto horror persista?

Se foi a repulsa que energizou suas jornadas, talvez eu possa ao menos ter esperanças de que a *Howard League for Penal Reform* e todos os seus colaboradores no movimento mais amplo possam ajudar a abrir os olhos das pessoas para a crueldade e injustiça que são cometidas em nome delas, então talvez possamos nos revoltar juntos e construir não apenas um tipo diferente de sistema penal, mas uma sociedade melhor.

Da próxima vez que estiver em Londres, prometo que irei ver você.

Obrigado pelo que você fez.

Atenciosamente.

Fergus McNeill

* Tradução: Patrick Cacicedo. Professor de Direito Penal da PUC-SP. Estágio Pós-doutoral, doutor e mestre em Direito Penal pela USP. Defensor Público do Estado de São Paulo.

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6868425451997606>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5623-8224>.
patrickcacicedo@gmail.com

Notas

¹ John Howard foi um cidadão inglês do século XVIII que foi capturado pelos franceses enquanto navegava da Inglaterra para a Espanha. Posteriormente, passou cinco anos em masmorras francesas antes de retornar à Inglaterra como parte de uma troca de prisioneiros. Eventualmente, ele foi nomeado xerife de Bedford, cargo que incluía entre suas funções a tarefa de inspecionar as prisões locais. Poucos xerifes realmente se preocupavam em cumprir essas funções, mas John Howard era diferente. Chocado com a corrupção, o mau cheiro, a sujeira, a fome e as doenças que viu nas prisões, ele dedicou a sua vida a melhorar as condições prisionais em toda a Inglaterra, País de Gales e Europa continental. O seu famoso relatório, Sobre o Estado das Prisões

em Inglaterra e no País de Gales, conduziu à legislação contra os males mais óbvios do sistema e lentamente moveu a opinião pública a favorecer condições prisionais mais humanas. Para mais informações, acesse: <https://howardleague.org/john-howard/>. As cartas foram escritas em razão do Projeto 50 Monumentos em 50 Vozes, da Universidade de York. Trata-se de um projeto que apresenta respostas individuais instigantes a 50 monumentos únicos na Catedral de St. Paul, em Londres, de artistas, escritores, músicos, teólogos e acadêmicos. As cartas são lidas em vídeos disponíveis no Youtube. As Cartas à John Howard estão disponíveis em <https://www.youtube.com/watch?v=6O-ZVnQx1yXE&t=359s>

Autor convidado